

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Amas-secas e amas-de-leite: o trabalho feminino no Recife (1870-1880)

Maria Ângela de Faria Grillo¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar no campo das práticas discursivas e não-discursivas a importância do trabalho das amas-de-leite e de criação de bebês lactantes ou não e sua inserção na economia escravista do Recife entre os anos 1870 – 1880, que ampliava o trabalho livre. A fonte documental privilegiada pela pesquisa são as matérias e os anúncios apresentados num dos principais jornais do Recife: o Diário de Pernambuco.

Palavras-chave: trabalho feminino, maternidade e amamentação.

Abstract: This work aims to analyze –from the discursive and non-discursive practices–the importance of the work of wet nurses and the rearing of sucking children or not, and these women insertion in the slavery economy in Recife between 1870s and 1880s, what increased the free work. The privileged documental source for this research are the reports and advertisements published by one of the main newspaper in Recife: Diário de Pernambuco.

Keywords: female work, maternity and breast-feeding.

Ao folhearmos os periódicos pernambucanos do século passado, vamos-nos sentindo transportados à época, na medida em que se toma conhecimento dos textos noticiários e anúncios. Esses últimos criam toda a atmosfera de então, pois retratam a própria sociedade com seu cotidiano, seus costumes, seus valores, suas necessidades, seus modismos, seu comércio e sua linguagem, enfim o que andava nas ruas e dentro das casas (GRILLO, 1989).

Interessante é notar a quantidade excessiva de matérias sobre a escravidão, veiculadas em diversas seções da imprensa, tais como: “Revista Diária”, “Avisos Diversos” e “Anúncios”, no Diário de Pernambuco; “Gazetilha”, “Scenas da Escravidão”, “Noticias Diversas” no Jornal do Recife, sem contar aquelas escritas em outros veículos de pequena tiragem, nos periódicos e folhetins. Isto evidencia a força com que a escravidão ocupava o fazer da sociedade da época.

Assim, através desta imprensa podemos reconstruir, situando-nos em um dado espaço de tempo, as ruas arborizadas do Recife, entrecortadas de rios (rios estes por onde muitas vezes escravos fugiam) com seus sobrados, casas baixas e mocambos. Por essas ruas

¹ Doutora em História pela UFF. Profª. da UFRPE. Projeto de Pesquisa Financiado pelo CNPq.

podemos imaginar negras passando com trouxas de roupas, assim como negros conduzindo seus senhores em luxuosas liteiras. Compondo o mosaico das ilhas do Recife, na segunda metade do século XIX, através desta extraordinária leitura, nos deparamos com moleques levando recados, belas mucamas acompanhando jovens sinhazinhas, negros oferecendo peixes, frutas e outras mercadorias, negras e mulatas, livres e escravas, a oferecerem aos gritos e em todos os tons quitutes, tapiocas, doces, bolos, enfileirados em grandes tabuleiros seguros e equilibrados sobre a cabeça (GRILLO, 1989), “lenços e outras fazendas que trazem em cestos [...] mui sucintamente vestidas” (TOLLENARE, 1992: 94).

A presença de mulheres nas ruas, quitandas, praças e mercados realizando trabalhos diversos no Recife remontam ao Brasil colonial quando elas já assumiam atividades importantes para a reprodução da família, para o abastecimento de víveres das cidades e vilas, além de atuar em uma variedade de serviços domésticos (DEL PRIORE, 2000). Contudo, o espaço da rua e do trabalho urbano não era sancionado para todas as mulheres, mas para as negras, as forras, as mulheres de cor, livres ou escravas. A rua não era lugar para as mulheres brancas de famílias abastadas.

Viajantes que passaram pelo Recife ainda no início do século XIX se impressionaram com a presença de mulheres, de diferentes tez e condição civil, nas ruas e logradouros, enfim, em todos os lugares. Era lá que se comprava ou se alugava escravas ou forras para amamentar criança nova, como a Rua do Trapiche a circundar a Igreja do Corpo Santo, cujo anunciante solicitava que “quem quiser [quisesse] vender, ou alugar uma escrava em estado de criar uma criança”, podia se dirigir a casa n. 9, e se “alguma mulher forra que tenha bom leite” quisesse criar também poderia apresentar-se “a dita casa” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO: 1827).

Essas mulheres anônimas, de vida difícil, posto que estivessem inseridas na população desclassificada e marginalizada no Brasil, tinham na labuta do cotidiano que enfrentar a discriminação própria a uma sociedade misógina como a brasileira à época que nutria um profundo desprezo pelas mulheres de maneira geral, e, em particular, pelas mulheres de cor. Mulheres com diferentes ofícios e habilidades, vivências e trajetórias que lutavam num mundo adverso. Dentre os diversos trabalhos domésticos que realizavam um, em particular, estreitava as relações de classe e as relações raciais: o de amas-de-leite e de amas de criação.

Por que se contratavam amas-de-leite? É preciso considerar que a prática da amamentação nem sempre significou, como hodiernamente, um gesto de amor maternal. Se o discurso da amamentação figura como um ato de amor para com o filho, independentemente

do lugar social da mãe, é preciso lembrar que a noção do amor materno como um sentimento inscrito na natureza da mulher foi construído, sobretudo no século dezenove e com ele, a idéia do aleitamento como um gesto de amor da mãe. Na Colônia, a amamentação era uma prática entre as índias, as escravas e as mulheres pobres que não tinham recursos para comprar escravas ou alugar amas-de-leite, mas não entre as mulheres das elites que não costumavam amamentar seus rebentos nos próprios seios. Em geral, as sinhás alugavam ou compravam escravas paridas, ou contratavam os serviços de mulheres forras ou livres para a amamentação dos seus filhos.

O mais comum, até o final do século XIX era delegar a amamentação a escravas, ou no início dos anos de 1920, a mulheres livres. Diferentemente da Europa, as crianças não eram enviadas para o campo, mas amamentadas debaixo do olhar da mãe e/ou da família, por uma escrava de leite, dentro das casas de engenho ou no meio urbano. O conforto que a escravidão oferecia dispensava o envio das crianças para lares estranhos. Exceto claro, as crianças sem-família, depositadas na Casa dos Expostos, criada em 1789, para acolher e criar as crianças abandonadas. Estas quando não eram amamentadas por amas-de-leite na própria Instituição, eram criadas nas casas de suas respectivas amas (NASCIMENTO, 2006).

Para Gilberto Freyre a presença da mãe-de-leite preta nas casas-grandes estava associada a pouca capacidade das meninas que se casavam ainda muito franzinas e tinham um filho atrás do outro, o que as impossibilitava de amamentarem seus rebentos. (FREYRE, 2001: 413; DEL PRIORE, 1995: 242-253).

Freyre endossa as observações de Imbert e Bates ao tratar das mães prematuras, que sofriam com o clima dos trópicos, o esgotamento de suas forças vitais e a irritação do seu sistema nervoso, enquanto as mães negras eram mais vigorosas, levando o autor a afirmar que “a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores condições eugênicas”, secundarizando a hipótese do clima, em prol da raça e das motivações sociais (FREYRE, 2001: 414-415), embora, acreditamos, que as razões para a não amamentação eram muito mais complexas.

Por volta de meados do século XIX, o investimento na normatização da família nuclear e conjugal, sobretudo, no papel da mulher-mãe (COSTA, 1999) fez do discurso médico uma arma contra ou a favor do aleitamento mercenário. Se de um lado, as amas-de-leite eram vistas como um mal necessário, desde que gozassem de boa saúde (FERREIRA FILHO, 2003), por outro, eram acusadas de perverter e transmitir doenças e exercer maléficas influências morais às crianças que ficavam sob sua responsabilidade.

Mas, no Recife o costume de se contratar amas-de-leite era bastante praticado. Uma das fontes privilegiadas para esse tipo de análise é o jornal, pela sua periodicidade, constância e possibilidades de compor séries. Um mercado crescente em sua demanda por leite devido ao aumento da população urbana que não concebia a amamentação como prática natural, inscrita na condição da mulher-mãe, mas realizada pela ama-de-leite estipendiada, contratada, paga para tal fim e que chegava a fazer as vezes da mãe, derivando daí a alcunha muito conhecida entre os mais velhos, da “mãe-de-leite”. De forma que as práticas do aleitamento se entrelaçam com as concepções, prescrições e interdições da maternidade que possibilitaram a existência de um mercado de leite no Brasil e, particularmente, no Recife.

Este era um comércio bastante rentável: os proprietários enviavam os filhos de suas escravas para a “casa dos expostos” e depois alugavam suas mães como amas-de-leite, ganhando, por volta de 1871, quinhentos a seiscentos réis apenas num ano (CONRAD, 1978). Percebe-se essa preferência em vários anúncios: “Precisa-se de uma ama de leite, sem filho preferindo-se escrava: na larga do Rosario n.12, 2º andar” (Diário de Pernambuco: 11/12/1872) e “Aluga-se uma escrava de côr parda, com muito leite e sem filho: na rua da Aurora numero 169” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/08/1878).

Também existiam anúncios que solicitavam que a ama viesse com seu filho, talvez por solidariedade às mães ou por desejarem que suas crianças tivessem companhia para brincar: “Precisa-se de uma ama de leite sem filho: a tratar na rua do príncipe n.2 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01/04/1870)” e “Precisa-se de uma ama que tenha abundante leite, que seja sadia e tenha filho, e este a acompanhe: a tratar na rua da Imperatriz, loja n.44” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/04/1870) .

Havia aqueles que demonstravam preocupação com a cor da pele ou condição da mulher de forra ou escrava: Precisa-se ama de leite: Precisa-se de uma que tenha bom leite preferindo ser branca ou parda, que não tenha filho: a tratar na rua Nova n.22 e rua da Aurora n.24” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18/08/1871); “Precisa-se de uma ama com bastante leite, forra ou escrava: na rua da Imperatriz n. 65, 1º andar” (JORNAL DO RECIFE, 28/09/1877) e “Aluga-se uma ama escrava para ama de leite, com bom leite, por 12\$ mensaes por ter uma filhinha de 5 mezes: que a quizer, dirija-se á rua do Imperador n.50, 3º andar” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08/08/1878). A questão moral também era privilegiada: “No sobrado da rua do Imperador n.38 precisa-se de uma boa ama com abundante e bom leite, e que seja mulher honesta” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 16/04/1872).

A fim de compreender a existência desse tipo de serviço e trabalho, em geral, feito por mulheres escravas e pobres é preciso nos voltar para as práticas da maternidade. Os discursos sobre a amamentação eram múltiplos, às vezes se contrapunham, outras vezes convergiam em mostrar os seus malefícios para as mulheres, como elencou Elizabeth Badinter. As mulheres da elite francesa diziam que a amamentação era fisicamente ruim para a mãe e pouco conveniente, pois gerava o desperdício de um suco precioso necessário à sua própria conservação, tinha ainda o agravante de gerar uma sensibilidade nervosa diante do choro da criança e, por fim, provocava a fraqueza de sua constituição. Além disso, havia o argumento estético expresso na perda da beleza, na deformação dos seios e na sua flacidez. Do ponto de vista moral, considerava-se pouco digno as mulheres amamentarem os seus próprios filhos. Havia também a vergonha em mostrar os seios; significava falta de pudor tirá-los para amamentar. Os maridos consideravam a amamentação um atentado à sexualidade e restrição ao prazer, vendo o aleitamento como sinônimo de sujeira. Os letrados declaravam ser a amamentação ridícula e repugnante, além da ojeriza pelo cheiro azedo do leite que sentiam. Assim, “a amamentação passou a ser um meio de vida para mulheres pobres, enquanto as mulheres da elite se revezavam em torno de fórmulas para conservar a beleza de seus seios” (DEL PRIORE, Mary, 1995: 243)

Mas, para algumas escravas um contrato como ama-de-leite poderia representar sua liberdade, como é possível perceber neste anúncio publicado na Seção Avisos Diversos:

Uma preta que sabe cosinhar e engommar com uma cria de 5 mezes e que tem muito bom leite para criar e faltando-lhe 150\$ para sua liberdade, oferece os seus serviços por espaço de um anno: a quem lhe convier este negocio dirija-se á rua do Caldeireiro n.62; na mesma casa vende-se escrava de idade de 20 annos, cosinha e engomma com perfeição, tem uma cria de 5 mezes, com muito bom leite e de boa conducta. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/04/1880).

Aqui a função de ama-de-leite ultrapassa o próprio aleitamento já que são oferecidos outros tipos de trabalho. Essa era uma conduta pouco comum, pois não foi encontrado nenhum outro anúncio que solicitasse o desempenho de qualquer outro tipo de tarefa, à ama-de-leite, além de sua função de nutriz.

Em fins do século XIX a escassez de amas sadias, o seu preço elevado e o avanço da medicina no âmbito da vida doméstica acabaram por estimular a prática do aleitamento

materno ou artificial, em detrimento do uso das amas-de-leite. Assim, os jornais passaram a exibir propagandas do tipo:

A escassez de amas sadias e boas, o seu preço elevado, tem tornado a introdução da farinha de lactea de nestle um verdadeiro beneficio pra Brasil. Hoje uma mãe pode ter a satisfação de criar seu filho com o leite que tiver, pouco ou muito, sem risco de enfraquecer nem de sofrer na sua saúde, dando como complemento o excelente alimento de nestle, tão gabado pelas summidades medicas da Europa. O júri da exposição especial de Paris acaba de premiar no dia 17 de novembro de 1875 o Sr. H. Nestle, autor da farinha lactea com o grande diploma de honra e medalha de ouro, recompensa mais elevada que tem sido concedida na França. A farinha lacta já tinha sido premiada com duas medalhas em França. O parecer tão elogioso da junta central de Hygiene publica do Rio de Janeiro e de tantas notabilidades medicas da Europa, acaba pois de ser confirmada da maneira a mais notável.
unico deposito em Pernambuco, à rua do Imperador n.49, casa de Victor Préslie. Preço n.1\$500 a lata (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01/08/1876)

As amas-secas também se ofereciam para cuidar de crianças ou eram solicitadas no Diário de Pernambuco. Essas se diferem das amas-de-leite principalmente por cuidarem de crianças já desmamadas, mas da mesma forma que as outras estas poderiam ser escravas ou livres, como se pode verificar nos anúncios a seguir:

Viúva se oferece para ama seca
Uma viúva honesta e de bons costumes, encarrega-se de receber crianças, ou meninos de todas as idades para criar e educar com todo cuidado, pagando seus pais o trabalho e sustento das ditas crianças: na rua do Calabouço Velho n. 21, casa de cornija, porta e janela; por hora está sem numeração. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 04/04/1875)

Precisa-se ama secca:
Precisa-se de uma mulher forra ou escrava para acompanhar uma criança de um anno e tratar de roupa da mesma: à tratar na rua da cadeia do Recife n.16, ou no Manguinho, casa defronte da barreira. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01/08/1876).

Durante o século XIX estabeleceu-se uma rede de oferta e procura de amas tão profícua que as Agências de Empregados proliferaram no Recife:

Seção: Avisos Diversos
Agencia de empregados oferece amas de leite e secas
Amas de leite, seccas, caixeiros, copeiros e criados: qualquer senhor pretendente que precisar dos mesmos, pode dirigir-se ao pateo de S.Pedro n.3, loja, rua da Roda n.19, rua da Imperatriz n.33, onde os senhores pretendentes poderão fazer os seus pedidos por escripto. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 03/12/1874).

Seção: Avisos Diversos
Casa de Agencia oferece amas secas e de leite
Arruma-se amas seccas e de leite: na rua da Palma, portão n.19. Na mesma casa precisa-se de amas seccas e de leite. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/12/1880).

Portanto, é preciso percorrer os jornais para compreender como funcionava esse mercado de amas-de-leite e de criação, quais os conflitos vivenciados por essas mulheres, de que maneira esse trabalho e a remuneração dele decorrente poderia alterar ou afetar as relações de poder no espaço doméstico, de que maneira os jornais abordam a polêmica do aleitamento mercenário, que imagens e representações foram veiculadas nos jornais na multiplicidade dos discursos apresentados, sem perder de vista que esse era um dos segmentos do espaço do trabalho feminino na cidade. Sem dúvida, o tema proposto se entrelaça com outras questões: a prática da maternidade entre as mulheres de diferentes condições sociais e civis, as práticas da sexualidade e do casamento entre grupos sociais diversos, a relevância do trabalho feminino na cidade do Recife e as implicações para a relação com os homens, posto que algumas mulheres, ao obterem uma remuneração, poderiam sair da condição de submissão e sujeição ao marido, assumindo novos poderes e lugares.

Bibliografia

- ANJOS, João Alfredo dos. *As amas: contribuição ao estudo do seu papel na formação da criança brasileira*. **Revista do Arquivo Público**. Recife. vol. 42, n.47, dez/1997.
- BADINTER, Elizabeth. **O mito do amor materno: o mito do amor materno**. Trad. Wlatensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- CONRAD, Robert. **Os últimos anos de escravatura no Brasil: 1850 a 1888**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma familiar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO: anos 1870 a 1880. Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador, 1890-1940**. Salvador: CEB, 2003.

- FERREIRA, Luzilá Gonçalves et al. **Suaves Amazonas: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste**. Recife: Ed da UFPE, 1999.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *Familia. Parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986. 3 vol.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 43ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Ed. Massangana, 1985.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **O cotidiano da escravidão em Pernambuco: 1850 – 1888**. Dissertação (Mestrado em História) – CFCH, Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Recife, 1989.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**, 2ª ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1978.
- NASCIMENTO, Alcileide Cabral. **A sorte dos enjeitados**. O combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832). Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2006.
- SANDRE-PEREIRA, Gilza. *Amamentação e Sexualidade*. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.467-489, jul/dez. 2003.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. **Pretas de Honra**. Trabalho, cotidiano e representações de vendeiras e criadas no Recife do século XIX (1840-1870). Dissertação (Mestrado em História) – CFCH, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2005.
- SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- TOLLENARE, Louis François de. **Notas Dominicais**. Recife: Gov do Estado de Pernambuco, 1978.
- TOLLENARE, Louis François de. *Sob o céu do Recife*. In: SOUTO Maior, Mário e SILVA, Leonardo Dantas (Org.). **O Recife: quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Massangana, 1992.